

# Maconha e Epidemiologia

José Carlos F. Galduróz e João Carlos Dias

## Aspectos gerais

O Brasil ainda carece de constância na obtenção de dados sobre o consumo de drogas em geral. Nessa questão em que o perfil de consumo muda rapidamente e novas drogas de abuso surgem numa velocidade impressionante, é imprescindível para a abordagem de prevenção que os estudos se repitam com regularidade. A seguir serão apresentados os estudos epidemiológicos mais recentes e abrangentes disponíveis no país.

## Dados epidemiológicos mais recentes

### 1. Pesquisa domiciliar de 2001

Em estudo que abrangeu todas as cidades com mais de 200 mil habitantes, num total de 107 cidades, correspondendo a 47.045.907 habitantes (27,7% do total da população do Brasil). A amostra foi de 8.589 entrevistas na faixa etária de 12 a 65 anos de idade (Carlini, et al. 2002). A posição de uso na vida de maconha frente às outras drogas pode ser vista na Figura 1. O uso na vida, no total, exceto tabaco e álcool, foi de 19,4%, sendo a maconha a droga que teve maior uso experimental com 6,9%, o que corresponde a 3.249.000 pessoas. As comparações do uso na vida de maconha, nas cinco regiões brasileiras foram semelhantes para três das regiões – Norte, Nordeste e Centro-Oeste com cerca de 5%. A região Sul foi a campeã em porcentagens de uso na vida para a maconha com 8,4% de usuários.

Em relação a outros países o uso na vida de maconha, no Brasil (6,9%) foi próximo aos resultados da Colômbia (5,4%) e Alemanha (4,2%), porém muito abaixo do observado nos EUA (34,2%), Reino Unido (25,0%), Dinamarca (24,3%), Espanha (19,8%), Chile (19,7%), Holanda (19,1%), Grécia (13,1%) e Suécia com 13,0% (Ospina,1997; CONACE, 2001; E.M.C.D.D.A., 2001; SAMHSA, 2001).

O uso na vida de maconha conforme os sexos e as faixas etárias podem ser visto na Tabela 1. Como já observado em vários outros estudos (UNDCP, 1997; Bauman & Phongsavan, 1999; Péres et al., 2002), o uso de maconha foi maior para o sexo masculino (10,6%) quando comparado ao feminino com 3,4%, no total e em qualquer das faixas etárias estudadas.

A dependência de maconha apareceu em 1,0% dos entrevistados nas 107 maiores cidades do Brasil, o que equivale a uma população estimada de 451.000 pessoas. A região Sul foi aquela onde apareceram as porcentagens mais expressivas de dependentes de maconha 1,6% dos entrevistados.

### 2. Uso de maconha entre estudantes

Foram aplicados questionários de autopreenchimento a 48.155 estudantes da rede pública do ensino fundamental e médio das 27 capitais brasileiras em 2004 (Galduróz et al., 2005).

A maconha teve uso na vida por 5,9% dos estudantes entrevistados. As regiões que apresentaram as maiores porcentagens de uso na vida de maconha foram a Sul com 8,5% e Sudeste com 6,6%. As duas capitais com maiores uso na vida dessa droga foram Boa Vista com 8,5% (região Norte) e Porto Alegre com 8,3%, região Sul (Figura 2).

O uso freqüente (6 vezes ou mais no anterior à pesquisa) e o uso pesado de maconha (20 vezes ou mais no mês que precedeu à pesquisa) tiveram porcentagens inferiores a 1%, no Brasil e nas regiões, exceto para o uso freqüente no Sudeste e Sul com 1,1%. A capital que teve a maior porcentagem de uso pesado foi em Porto Alegre com 1,2%, nas demais capitais não atingiu 1%. A comparação com outros países, mostrou que o uso na vida de maconha no Brasil foi inferior ao do Chile (21,6%), Uruguai (12,5%), Equador (8,6%), Guiana (7,2%), Panamá e Nicarágua com 6,9%. Por outro lado, foi superior a países como Paraguai com 4,3% e Venezuela com 1,0% (CONACE, 2005; CICAD, 2005). Na faixa específica de 15 a 16 anos de idade, o uso na vida de maconha no Brasil foi de 7,5%, bem inferior à França e Reino Unido com 38,0%; Estados Unidos (35,1%), Bélgica (32,0%); Espanha (30,0%); Holanda (28,0%); Itália e Alemanha com 27,0% (E.M.C.D.D.A., 2005; NIDA, 2005).

### 3. Uso de drogas entre meninos em situação de rua

Em 2003 o CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo realizou o mais amplo estudo nessa população específica, incluindo as 27 capitais num total de 2.807 entrevistas (Noto et al., 2004).

O uso na vida de maconha nesta população específica foi de 40,4%, sendo que a maior parte fez o primeiro uso de maconha depois da situação de rua (26,3%). Nesse estudo, também, caracterizou-se o uso pesado de uma droga como aquele feito em cerca de 20 ou mais dias no mês que antecedeu a pesquisa. No Brasil, reunindo as 27 capitais, 11,2% das crianças e adolescentes em situação de rua entrevistados fez uso pesado de maconha, perdendo apenas para os solventes com 16,3% dos entrevistados (excluindo-se o álcool e tabaco da análise).

A distribuição de uso pesado de maconha nas regiões foi a seguinte: em primeiro lugar aparece a região Sudeste com 22,4% dos entrevistados relatando uso pesado de maconha, seguido pela região Centro-Oeste com 12,0%, Nordeste com 11,6%, Sul com 10,9% e Norte com 3,6% dos entrevistados fazendo um uso pesado de maconha, em 2003 (Noto, et al., 2004).

#### 4. Internação hospitalares por dependências de drogas

O estudo mais completo sobre o tema foi desenvolvido por Noto et al. (2002), no qual se obteve dados junto a hospitais e clínicas psiquiátricas de todo o Brasil, no período de 1988 a 1999, sendo que a maconha foi a responsável por 2,5% das internações nesses 12 anos. Houve diminuição das internações hospitalares por maconha com 2,3% das internações por dependências, em 1988 caindo para 1,3% em 1999. Esta tendência se mantém até os dias atuais (dados não publicados). Embora pareça ser uma incoerência, pois os dados epidemiológicos mostram aumento do uso de maconha nos outros parâmetros, essa diminuição nas internações por maconha pode estar refletindo uma nova visão de abordagem da questão, tanto pelos profissionais da saúde como pelos familiares, com ênfase para o tratamento ambulatorial.

#### 5. Apreensões de maconha feitas pela Polícia Federal

A Polícia Federal, assim como as demais polícias fazem apreensões de drogas, porém apresentados restringem-se às apreensões realizadas pela Polícia Federal, pois cobrem todo o território nacional. A comparação das apreensões de 1997 e 2004 mostra que houve um aumento de quase cinco vezes nas apreensões da maconha. A hipótese de que está circulando mais maconha no país e conseqüentemente o aumento de quilos apreendidos é viável, porém o aumento pode apenas refletir um melhor aparelhamento da polícia que proporciona mais efetividade de suas ações (Figura 3).

As maiores apreensões foram feitas na região Centro-Oeste (70.235 quilos), seguido pela região Sudeste com 33.747 quilos, Norte com 47.212 quilos, Sul (43.078 quilos) e Nordeste com 6.498 quilos apreendidos. Apreensões de pés de maconha aparecem apenas no Nordeste com 463.483 pés apreendidos e no Norte com 67.246 pés de maconha apreendidos, em 2004. É curioso observar que embora na região Nordeste houve as maiores apreensões de pés de maconha com mais 463 mil pés, é o que apresenta as menores apreensões da droga "in natura" com pouco mais de 6 mil quilos, dez vezes menos que na campeã região Centro-Oeste (70.235 quilos).

#### Estudo de tendência do consumo de maconha

A tão desejada comparação do perfil do consumo de maconha (e outras drogas) pela sociedade brasileira fica restrita, infelizmente, a dois levantamentos (estudantes e meninos de rua) e dois indicadores epidemiológicos (internações hospitalares e apreensões de maconha feitas pela Polícia Federal).

Quanto a estudantes pode-se notar na Tabela 2 que a comparação só é possível para 10 capitais, onde foram realizados levantamentos anteriores. Pode-se notar que a tendência para o uso na vida (pelo menos uma vez na vida) foi de aumentar em oito capitais, exceto em Brasília e Salvador, onde houve nesta última, diminuição do uso na vida de 1997 para 2004 mudando, assim a tendência anterior de aumento em Salvador. Por outro lado, em Brasília o uso na vida vem se mantendo relativamente constante desde o primeiro estudo.

A comparação do uso na vida de maconha entre meninos em situação de rua cresceu em São Paulo de 43,7% em 1987 para 73,8% em 2003. No Rio de Janeiro também houve crescimento de 20% em 1993 para 59,3% em 2003 e em Brasília foi de 21,9% (1997) para 52,3% no ano de 2003 (Noto et al., 2004). Por outro lado, houve diminuição do uso na vida em Porto Alegre passando de 29,3% em 1987 para 21,3% em 2003. Em Fortaleza o uso se manteve estável. Em relação às internações hospitalares por maconha houve diminuição passando de 2,3%, em 1988 para 1,3% em 1999.

Finalmente, os dados da Polícia Federal indicam a tendência de aumento na quantidade de maconha apreendida, na comparação entre os anos de 1999 a 2004.

#### Referências Bibliográficas

Bauman, A. & Phongsavan, P. – Epidemiology of substance use in adolescence: prevalence, trends and policy implications. *Drug and Alcohol Dependence*, 55: 187 – 207, 1999.

Carlini, E. A.; Galduróz, J. C. F.; Noto, A. R.; Nappo, S. A. – I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, 2001. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, UNIFESP, 2002. 380p.

CICAD - Inter-American Observatory on drugs. [www.cicad.oas.org/oid](http://www.cicad.oas.org/oid)

CONACE – Consejo Nacional para el Control de Estupefacientes, Ministerio del Interior. Quinto Informe Anual sobre la Situación de Drogas en Chile, 2005. <http://conacedrogas.cl/inicio>

E.M.C.D.D.A. – European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction, 2005.  
<http://www.emcdda.eu.int/index>

Galduróz, J. C. F.; Noto, A. R.; Fonseca, A.; Carlini, E. A. – V Levantamento sobre o Uso de Drogas entre Estudantes da Rede de Público Fundamental e Médio das 27 Capitais Brasileiras, 2004. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, UNIFESP, 2005. 402p.

NIDA – National Institute on Drug Abuse. High School and Youth Trends, 2005.  
<http://www.drugabuse.gov/infobox>

Noto, A. R.; Galduróz, J. C. F.; Fonseca, A. M.; Carlini, C. M. A.; Moura, Y. G.; Carlini, E. A. - Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas entre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua nas 27 Capitais Brasileiras – 2003. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Depto. de Psicobiologia da UNIFESP São Paulo, 2004. 246p.

Noto, A. R.; Moura, Y. G.; Nappo, S. A.; Galduróz, J. C. F.; Carlini, E. A. - Internações por transtornos mentais e de comportamento decorrentes de substâncias psicoativas: um estudo epidemiológico nacional do período de 1988 a 1999. J Bras Psiq 2002; 51(2): 113-121.

Ospina, E.R. – Estudio Nacional sobre Consumo de Sustancias Psicoactivas Colombia, 1996. Fundacion Santa Fe de Bogotá, 1997.129p.

Pérez, N.L.; Cravioto, P.; la Torre, G.G.; Medina-Mora, M.E. – Porcentaje de continuidad del consumo de la marihuana en México: una aproximación desde las encuestas nacionales de adicciones. Salud Mental, 25(2): 1-15, 2002.

Polícia Federal do Brasil. Departamento de Polícia Federal 2005,  
<http://www.dpf.gov.br/topodrogas.htm>

SAMHSA – Substance Abuse and Mental Health Services Administration. - Office of Applied Studies: 1999-2000 National Household Survey on Drug Abuse. U.S. Department of Health and Human Services, 2001. (consulta feita através do site <http://www.samhsa.gov>).

UNDCP – United Nations International Drug Control Programme. – World Drug Report. Oxford University Press, 1997. 330p.